



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA – LICENCIATURA PLENA**

Mariana Peixoto da Silva Saldanha

**O JOGO DO TEXTO E O ENSINO DE LITERATURA
OU O JOGO DE ENSINAR LITERATURA**

Rio de Janeiro

2011

Mariana Peixoto da Silva Saldanha

**O JOGO DO TEXTO E O ENSINO DE LITERATURA
OU O JOGO DE ENSINAR LITERATURA**

**Monografia de conclusão de curso (graduação
em Pedagogia) - Universidade Federal do
Estado do Rio de Janeiro, orientada por Alberto
Roiphe Bruno – Rio de Janeiro.**

2011

RESUMO

O trabalho que se segue versa sobre questões pertinentes ao ensino de literatura. Para tal discute, brevemente, o conceito de leitura juntamente com a formação do leitor e o uso de teorias literárias como ferramentas deste ensino. A seguir faz uma análise das teorias da Estética da Recepção à luz de Wolfgang Iser no artigo intitulado *O jogo do texto*. Como exemplo da aplicabilidade de tais teorias no ensino de literatura, convida a uma leitura do conto *Uma história de Borboletas* de Caio Fernando Abreu, apontando o jogo presente no texto. Conclui afirmando as contribuições da teoria literária para a leitura reflexiva no ensino de literatura.

The following paper bring questions for the teaching of literature. For that discuss shortlly the concept of literature with the formation of the reader and the use of literary theories as tools for this teaching. Then makes an analyse of the theories of the Aesthetics of Reception by the light of Wolfgang Iser in the article entitled *The game of the text*. As an example of the application of those theories in the teaching of literature, invites to a reading of the short story *A story of butterflies* from Caio Fernando Abreu, demonstrating the game present in the text. Conclude stating the contributions that the literary theories brings to the reflexive reading in the literary teaching

SUMÁRIO

Sumário

Resumo	2
Sumário	3
Introdução.....	4
1 Capítulo	6
2 Capítulo	14
Conclusão.....	25
Referências	26
Anexo	27

"Nós mudamos incessantemente. Mas se pode afirmar também que cada releitura de um livro e cada lembrança dessa releitura renovam o texto."
(Jorge Luis Borges)

INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi pensado a partir de experiências escolares com o ensino de literatura. Questionando o lugar da leitura na escola, as relações que se estabelecem com os textos e que tipo de leitores são formados a cada ano, surgiu a necessidade de explorar esse tema, pelo olhar do professor em formação, buscando compreender como se realiza esse ensino e de que modo ele pode se tornar efetivo.

O objetivo principal do trabalho é a valorização da leitura reflexiva através de uma análise das contribuições da teoria de Wolfgang Iser ao ensino de literatura. Grande difusor da Estética da Recepção, teoria literária nascida na Alemanha no final da década de 1950, este autor estuda os efeitos da leitura no leitor e as relações que se estabelecem no ato de ler.

Como objetivos complementares há ainda uma reflexão sobre o artigo de Iser, denominado *O jogo do texto*; um olhar para o ensino de literatura nas escolas, abrangendo o papel do professor; e ainda algumas propostas de como utilizar essas teorias em dois níveis, o primeiro, com foco no professor que, uma vez dominando os conceitos teóricos do jogo do texto, será capaz de selecionar materiais, já projetando uma possível leitura de cada turma, ou seja, tornando um hábito do professor pensar nos leitores ao trabalhar um texto, que é a proposta fundamental da Estética da Recepção, voltar os olhos para o leitor. Um outro modo de usar esses conhecimentos em sala, é dividindo com os alunos os artifícios do texto, ou seja, a estrutura textual que o permite criar um movimento do jogo com o leitor. Para tanto há a presença de um texto literário que carrega consigo inúmeros exemplos das construções intencionais do autor determinando regras nas quais o leitor participa

muitas vezes sem saber, desta vez, eles saberão. Esses dois níveis de trabalho propostos no texto estão relacionados e são sugestões ao mesmo tempo que justificam a importância dessas teorias para a leitura cotidiana.

A justificativa deste texto, além da valorização da leitura, é a valorização do uso da teoria literária no ensino regular de uma forma reflexiva, interativa, prazerosa e frutífera. Não basta o professor ter domínio da teoria literária e isto se tornar mais um motivo de afastamento dos alunos-professor-literatura. É necessário que ele faça uso deste domínio na sala de aula, melhorando as relações de ensino uma vez que ele será capaz de respeitar as leituras individuais dos alunos e propor outras formas de ler que podem encorpar no cotidiano dos alunos. As teorias aqui analisadas são facilmente aplicáveis, visíveis e se tornam ponte de diálogo do professor com os alunos e por consequência dos alunos com a literatura.

O trabalho se divide em duas partes, a primeira que trata das teorias de Iser, do jogo do texto; a segunda envolve uma análise dessas teorias e seu uso no cotidiano escolar focando o ensino de literatura. Visando ilustrar, justificar e verificar as teorias, há ainda, na segunda parte, a análise do conto *Uma História de Borboletas* de Caio Fernando Abreu e sua aplicabilidade em possíveis aulas, análises em grupo.

1 CAPÍTULO

Pensar o ensino de língua portuguesa e literatura é questionar o espaço do texto na escola. E ainda, qual é o espaço do texto na sociedade? Muitos autores já escreveram sobre a importância da leitura, seja pelo ponto de vista da teoria literária ou ainda da pedagogia. Paulo Freire já apontou a importância dessas questões em seus artigos reunidos em *A importância do ato de ler*, afirmando o papel social da leitura, tanto da leitura de mundo quanto da palavra, na formação de um sujeito crítico, com papel ativo na sociedade, capaz de desvendar o seu mundo. “A leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele.” (Freire, 2008, p.20)

A importância da leitura na escola não está só na disciplina de língua portuguesa, entretanto a escola parece ainda estar voltada para a função explicativa do texto, ou ainda ilustrativa, fazendo da leitura puro divertimento sem reflexão. Talvez por isso os alunos e professores não voltem os olhos para a função estética do texto, e é esse ponto que pretende se aprofundar este capítulo.

Além de exemplificar questões gramaticais nos livros didáticos, divertir ou contar uma história, um texto literário pode criar relações emotivas com o leitor e o envolver em uma experiência estética de prazer, descoberta e beleza.

Chega, então, à questão de como oferecer essa experiência de leitura aos alunos na escola? Como ensinar a ler? O que é leitura? Maria Helena Martins (1982, p. 17) afirma que esta se dá “quando começamos a organizar os conhecimentos adquiridos, a partir das situações que a realidade impõe e da nossa atuação nela” ampliando o conceito de letramento para uma máxima abrangente de habilidade de estabelecer relações. A autora sintetiza em dois grandes grupos as concepções de leitura, um decodificador condicionado na metodologia de estímulo e treino; e outro mais abrangente com “componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, bem como culturais, econômicos e políticos” (1982, p.31). Entretanto estes dois grupos são indissociáveis, não é possível escolher entre uma dessas concepções pois “decodificar sem compreender é inútil; compreender sem decodificar, impossível.”(1982, p.32). Essa visão dialética justifica porque não é possível uma definição sistemática da leitura uma vez que esta passa

a ser um processo individual de significação. A leitura passa a existir quando há um diálogo entre o leitor e o objeto lido, podendo ser um texto, um desenho, uma outra pessoa. Para que haja esse diálogo é necessária decodificação como também significação.

Maria Helena Martins ainda questionando *O que é leitura* afirma que quando o educador lê *com* o educando ao invés de *para* ele unifica ainda mais o diálogo com o texto, enriquecendo os olhares e possibilitando mais significações. A autora afirma ainda que:

A função do educador não seria precisamente a de ensinar a ler, mas a de criar condições para o educando realizar a sua própria aprendizagem (...) Assim, criar condições de leitura não implica apenas alfabetizar ou propiciar acesso aos livros. Trata-se, antes, de dialogar com o leitor sobre a sua leitura, isto é, sobre o sentido que ele dá, repito, a algo escrito, um quadro, uma paisagem, a sons, imagens, coisas, idéias, situações reais ou imaginárias. (*Idem, Ibdem*, p. 34)

Pensando nesse desafio da docência surgiu a relação do ensino de literatura com a estética da recepção. E assim chegamos à Escola de Constança, movimento de renovação dos conceitos de teoria literária, antes destes pensadores o objetivo da leitura era descobrir o significado do texto, a proposta dessas teorias é de o foco da leitura passar a ser a relação entre texto e leitor. O marco inicial desta Escola, nascida na Alemanha no final de 1950, é a aula inaugural de Hans Robert Jauss na Universidade de Constança, no ano de 1967. Nesta aula Jauss diferencia dois modos de recepção do texto sintetizados por Cardoso Filho (2007, p.66) “o primeiro seria o processo em que se concretizam os efeitos e o significado para o leitor contemporâneo da obra. O segundo diria respeito ao processo histórico pelo qual o texto é recebido e interpretado pelos leitores diversos.” Percebemos que há duas maneira de perceber a recepção de um texto, na sua relação com um indivíduo em um momento ou nas suas conexões ao longo de sua existência, a primeira pontual e a segunda histórica. “Em Jauss o fundamental é recobrar a historicidade do fenômeno. Já em Iser, o foco é estabelecer o tipo de interação que a obra

mantém com o leitor durante a leitura. No primeiro, observa-se a preocupação com a recepção e no segundo, com o efeito.” (Filho, 2007, p.66)

Wolfganga Iser torna a iniciativa de Jauss mais ambiciosa, além de pensar as experiências com a literatura historicamente, ele repensa a própria teoria literária quando afirma que entre o leitor e o texto há uma relação de jogo. Em seu artigo intitulado *O jogo do texto*, traduzido por Luiz Costa Lima e presente na segunda edição de *A literatura e o leitor* (2002) Iser justifica a estrutura intencional do texto que o torna um jogo entre leitor-texto-autor.

Fundamentado pelas teorias desta Escola, ou seja, voltando seus olhos para o leitor, Iser confere importância às ferramentas do texto que o constituem como jogo na sua relação com o leitor. Dessa forma autor, texto e leitor criam juntos através de regras e estratégias um jogo na produção do texto. Lembrando que segundo essa estética o texto só se dá quando entra em contato com o leitor, é este que o movimenta e acrescenta suas experiências fazendo da experiência da leitura de um livro a sua reformulação, portanto, um ato inédito e irreplicável.

Wolfgang Iser deixa claro seu objetivo neste texto, buscar o conceito de jogo sobre as representações múltiplas que um texto pode assumir, partindo das relações entre autor-texto-leitor, levando em consideração o processo textual. Para tanto, ele afirma que o texto só existe quando se completa o tripé que é capaz de criá-lo e recriar, quando se fecha o ciclo autor-texto-leitor. Qualquer mudança em cada uma dessas partes afeta diretamente o seu resultado, o texto. Por isso a representação do texto está diretamente ligada a essa sua recriação constante.

Dentro deste processo de recriação do texto e do mundo, Iser afirma que o autor joga com o leitor e o texto é o campo do jogo, servindo desta forma de espaço no qual esse novo mundo se cria. A função do autor está clara, é ele quem coloca o texto, é no campo de jogo que se encontram as regras, entretanto, cabe ao leitor a dupla função de imaginar e reinterpretar. Cada leitor carrega para o texto os seus conhecimentos, vivências, que fazem daquela experiência única e pessoal, o que justifica as múltiplas interpretações que podem ser feitas de um mesmo texto. Entretanto, é necessário que autor e leitor façam um acordo. O mundo textual não

pode ser tido como realidade, mas sim como se fosse realidade, assumindo assim outra característica de jogo.

Para justificar sua argumentação Iser institui níveis de diferença no texto, isto é, diferentes níveis que formam os espaços vazios do texto, o colocando em movimento, tornando-o jogo reinventado. O autor distingue três níveis fundamentais:

Extratextualmente: entre o autor e o mundo em que ele intervém; entre o texto e um mundo extratextual, assim como entre o texto e outros textos. Intratextualmente: entre os itens selecionados a partir de sistemas extratextuais; entre constelações semânticas construídas no texto. Entre texto e leitor: entre as atitudes naturais do leitor (postas agora entre parênteses) e aquelas que se lhe exige adotar; entre o que é denotado pelo mundo repetido no texto e o que essa denotação – agora a servir como um análogo que guia – pretende transgredir. (Iser, 2002, p.108)

Essa descrição de espaços no texto proposta por Iser aponta para os tipos de relações que acontecem no texto e mais a frente influenciarão os leitores. Os aspectos do texto colocados até então são de grande importância para os leitores conhecerem como se estrutura o jogo do texto, as intencionalidades do texto, mudando o seu modo de ler. Perceber que um texto é uma construção, calculada, que faz várias relações com o mundo e com o seu futuro leitor, é aproveitar plenamente a experiência da leitura, do ato de ler. Permitir-se entrar no mundo da leitura não só no âmbito da sua ficção, mas ainda na sua construção interna, conhecer seus caminhos. Ser um jogador consciente do seu campo de batalha.

O movimento do texto é de jogo porque as suas posições se esbarram em todos os níveis, isto é, autor, texto e leitor se relacionam em todos os níveis citados acima por Iser. Esses conflitos dão o movimento de busca de um resultado, fazem uma alternância entre ir e vir, visando a resolução. Entretanto o mais importante na

construção do texto como jogo está nas transformações que ocorrem com as posições durante esses embates, é essa transformação que abre espaço para o jogo, permitindo-o sair do conceito tradicional de representação, assumindo um caráter de recriação, reinvenção.

Sobre uma tentativa de definição de jogo, Johan Huizinga afirma não se efetivar exatamente em termos lógicos, biológicos ou estáticos, uma vez que o jogo antecede a inteligência humana, só é possível elencar algumas de suas características. Dentre várias instâncias do jogo trazidas por Huizinga em seu livro *Homo Ludens*, aquela que mais se aproxima dos conceitos de Iser afirma que a função do jogo.

Pode de maneira geral ser definida pelos dois aspectos fundamentais que nele encontramos: uma luta *por* alguma coisa ou a representação *de* alguma coisa. Estas duas funções podem também por vezes confundir-se, de tal modo que o jogo passe a “representar” uma luta, ou, então, se torne uma luta para melhor representação de alguma coisa. (Huizinga, 2000, p. 14, [grifos do autor]).

Desse modo o jogo do texto pode ser uma representação de si mesmo enquanto luta das posições em transformação, a luta no texto é o jogo do ir e vir, uma articulação interna que movimenta o impulso de chegar à representação final, o significado do texto.

Estas características fazem do jogo um conceito dual, ao mesmo tempo em que ele quer chegar a um fim o meio de chegar a esse fim é repleto de possibilidades e confrontos, transformando o meio a todo o tempo, conseqüentemente afastando o fim. O produto dessa dualidade é o *suplemento*, termo de Iser para designar o significado do texto, que está passível de mudança através do movimento do jogo o que não permite um significado prévio ao jogo.

Se o "suplemento" é o produto desses traços contrapostos, podemos extrair duas conclusões: 1. O "suplemento", como o significado do texto, é engendrado através do jogo e, portanto, não há um significado prévio ao jogo. 2. A geração do "suplemento" através do jogo admite diferentes desempenhos por diferentes leitores no ato de recepção. (Iser, 2002, p. 109, [grifos do autor]).

Este movimento é o que permite que cada leitor construa o seu texto, faça as suas relações e chegue ao seu "suplemento".

O conceito de suplemento, de acordo com Iser, é fundamental para o professor de língua e literatura. O educador, ao propor a leitura de determinado texto, têm consciência de que o mesmo pode gerar diversos suplementos ao entrar em contato com cada leitor. Pode ainda, fazer a seleção de textos prevendo os possíveis significados que ele assumirá na turma, entretanto tendo sempre a consciência de que nunca conseguirá prever todos os suplementos. A aula enquanto acontecimento é repleta de elementos que o professor planeja, prevê, misturados aos elementos que fogem do seu alcance, à participação individual dos alunos, incluindo, as diversas interpretações de um texto.

O professor tem a possibilidade de trazer para a sala de aula, ao trabalhar qualquer texto, o conceito de suplemento. Ao debater com os alunos essa construção individual do significado, estimulará que eles façam conexões mais profundas com o texto, buscando construir o seu suplemento, entrando desta forma por completo no jogo do texto, por estar imerso neste tabuleiro, conhecendo as regras e como jogar. Os alunos experimentarão a dualidade do jogo, que está na busca de um significado, um final para o jogo, trilhando esta busca através de relações infinitas, que cada vez o afastam mais do final esperado. Por fim decidirão o seu momento de dar o jogo como encerrado, chegando assim ao fim de uma análise e ao início de uma nova experiência de leitura.

Iser vê o texto em três níveis: o primeiro é estrutural, responsável por mapear o espaço do texto; o segundo funcional, trata de explicar a meta do texto; já o último é interpretativo, questionando porque jogamos e porque precisamos jogar.

No nível interpretativo do texto encontra-se o conceito de *significante fraturado*, em si um termo dual, ao mesmo tempo denotativo e figurativo, remete a algo que não está no texto, mas se forma através dele. Muitas vezes este significante não está explícito no texto, mas se constrói nos seus espaços de jogo, ou seja, na presença do leitor. Em um poema uma rosa vermelha, por exemplo, pode assumir muitos significados, para um leitor o amor, para outro o sangue, ou o coração, ou ainda a dor, pelos espinhos, assim em diante. Neste caso rosa vermelha é um significante fraturado por denotar inúmeras noções.

O jogo do texto só acaba quando o leitor interrompe sua dualidade, ou seja, quando ele estabelece um significado ao significante fraturado, assim ele deixa de remeter à criação do texto e passa a ser a construção de significado à qual o leitor chegou. Sendo sempre único e individual. Por esse motivo o jogo é uma recriação, um esforço de projeção pessoal, baseado em dualidades que o movimentam, a busca pelo fim em um caminho que o afasta do ponto de chegada. Nesse sentido o esquema do texto também é dual pois deixa em segundo plano sua função principal, de adaptação, e passa a representar o irrepresentável. O leitor não é convidado a compreender o que se passa no texto apenas, mas a recriar a partir das suas impressões. No caso de um romance, por exemplo, não basta entender uma personagem como o autor a quis descrever, é preciso recriá-la através do seu ponto de vista, percebendo ao seu modo suas características, e passando a interpretar suas ações acima desta recriada e não daquela primeira que o autor colocou. O esquema deixa de ser uma assimilação, um assentamento de idéias e passa a ser uma projeção, um levantamento de possibilidades, dessa forma representa aquilo que ainda não é.

Tendo em vista as dualidades acima, "o jogo do texto não é nem ganho nem perda, mas sim um processo de transformação das posições, que dá uma presença dinâmica à ausência e alteridade da diferença." (*Idem, Ibidem*, p. 115)

Pensar a teoria de Iser na prática docente não é imaginar métodos para abordar estes temas em sala de aula, mas antes de tudo, compreender todas as leituras escolares como o texto coloca, enquanto construções duais. Este movimento faria com que o professor revisse seu processo de seleção de textos para abordar nas aulas, sua metodologia, assim como seu aluno-leitor.

A estética da recepção não é um método de ensino de literatura, mas uma forma de ver o texto literário enquanto relação entre autor-texto-leitor. E o que é o ensino de literatura que não a relação dos alunos com as leituras que fazem?

2 CAPÍTULO

No capítulo anterior ficou claro o objetivo estético do jogo do texto e o modo como é construído. Essa visão do ato de ler está um pouco distante do cotidiano escolar. A grande contribuição da estética da recepção à docência é o ato de pensar como o leitor vê o texto. Esse é um exercício fundamental para o professor, compreender melhor como seus alunos receberão os textos que seleciona para as aulas, tendo em vista como eles interagem com os outros textos do seu cotidiano, procurando contemplar nas suas leituras uma postura mais reflexiva. É importante não confundir esse jogo estético com adivinhação ou fórmula de leitura. Ao contrário, essas teorias só iluminam o ideal da pluralidade textual, complexidade da leitura que se torna única em cada olhar.

O desafio de ensinar literatura começa com o desafio da leitura. Entretanto há teorias que procuram auxiliar essa caminhada. A estética da recepção não defende o ensino de categorias textuais, não se coloca como uma fórmula de leitura ou receita de análise. Ao contrário, o objetivo das teorias dessa escola é de ampliar as possibilidades de leitura de um texto. Como já vimos, o texto só se dá na interação com o leitor. Será que os jovens leitores que estão na escola já pensaram sobre isso? Chegamos ao ponto em que parece fundamental compreender como se formam os leitores. Leonor Werneck dos Santos afirma que no Brasil temos formados poucos leitores e muitos ledores. Ela faz essa distinção uma vez que diferencia os alunos que simplesmente decodificam as palavras isoladamente daqueles que além de decodificar compreendem o texto, e só o fazem pois são capazes de fazer relações das palavras que lêem, com seu mundo.

Aprender a ler, mais do que decodificar o código lingüístico, é trazer a experiência de mundo para o texto lido, fazendo com que as palavras impressas tenham um significado que vai além do que está escrito, por passarem a fazer parte, também, da experiência do leitor. (Santos, 2010, p.40)

Novamente se afirma a necessidade dialética da leitura, é preciso que haja interação para que construa sentido.. É função de a escola formar leitores, sair da zona de conforto dos textos e exercícios dos livros didáticos, observar as demandas individuais das turmas e propor leituras diferenciadas, que instiguem os alunos, com base em teorias que fundamentam experiências de leitura com reflexão. Ler não é uma obrigação, mas um direito e pode se tornar um prazer para que com o tempo consigamos conquistar o hábito da leitura.

Tomemos como exemplo de análise literária dentro das propostas de Iser, o conto *Uma história de borboletas* de Caio Fernando Abreu. No contexto escolar é necessário fazer uma breve introdução do autor, isto é, contextualizá-lo, identificar em que língua foi escrito, quando, por quem, são informações que podem aumentar ainda mais o desejo do texto antes mesmo de começar a lê-lo. Essa introdução pode ser breve, oral, como o professor achar melhor, e um estudo sobre o autor pode se estender caso surja interesse da parte dos alunos. Ao selecionar um texto para trabalhar com uma turma é importante a adequação do mesmo à faixa etária da turma. No caso do conto do Caio Fernando Abreu, propõe-se trabalhá-lo com jovens, acima dos treze, quatorze anos, isto é, na escola hoje, equivalente ao oitavo ano em média, o que não o restringe a este público apenas. O texto literário não é aprisionado a uma faixa etária, mas as questões trazidas com ele devem ser adequadas. O ideal no momento de selecionar o texto é que o professor tenha em mente a sua turma, pense nos temas que lhes interessam normalmente, dentro e fora da escola, na realidade que os cerca, no meio em que vivem. Tudo para tentar prever alguns momentos da relação dos alunos com o texto. Nesse ponto a teoria literária se encontra com a pedagogia, a seleção de texto faz parte do planejamento da aula, é função do professor fazer essas previsões mas sempre com maleabilidade, lembrando-se que a aula é um acontecimento que não pode ser totalmente premeditado, mas deve ser sempre mediado.

Por fim, é fundamental que o professor faça algumas leituras do texto sempre antes de levá-lo para sala de aula, pois cada interação sua com o texto trará novas percepções e criará novos vínculos, fazendo com que sua visão daquele texto seja cada vez mais rica, logo, poderá enriquecer a aula também.

O conto de Caio Fernando Abreu é um bom exemplo de como trabalhar o jogo do texto pela perspectiva da Estética da Recepção por alguns motivos:

Primeiro, quanto à forma, um conto é uma boa solução para trabalhar com a prosa em um espaço curto de tempo. Quanto ao seu tamanho, que permite uma leitura integral dentro da sala de aula, podendo ainda, ser lido repetidamente, gerando uma análise integral que pode ser adaptada para um espaço mais curto de tempo ao não, muitas vezes o trabalho com um conto pode durar várias aulas. Quanto ao seu conteúdo, o caráter ficcional possibilita o trabalho com diferentes linguagens e organizações do texto. Com mais liberdade de criação literárias os autores constroem relações diferentes com o leitor, surpreendem, chocam, imaginam, como no caso do conto do Caio Fernando Abreu.

O autor em questão tem uma linguagem simples, é contemporâneo, publicou nas décadas de 1970 e 1980. Participou de uma história do Brasil que torna sua obra mais complexa, dá margens à um estudo interdisciplinar com história, geografia. Além de ser um autor muito reflexivo sentimentalmente, porém rompe com a previsibilidade dos romances, a doçura do amor perfeito e faz recortes que obrigam o leitor a estar atento e o tiram do lugar comum.

O conto *Uma História de Borboletas*, que se encontra em anexo ao trabalho, apresenta uma narrativa em primeira pessoa que coloca ao leitor o seguinte fato: "André enlouqueceu ontem à tarde." A partir de então, o narrador se coloca a explicar por que fez tal afirmação, e conta em detalhes como se formou a loucura de André até o momento da internação. O interessante deste conto é justamente o que acontece com o narrador após a internação de André. Os sintomas que antes ele relatava sendo da loucura do outro passam a permear as suas sensações, e quando percebe, ele está exatamente com o mesmo comportamento, inclusive, sendo internado. O final do conto causa um estranhamento uma vez que o desfecho da história é variável quanto a interpretação que cada leitor pode fazer.

Há forte presença do jogo no texto, no uso do vocabulário, na significação da borboleta, no próprio enredo que guia o leitor e o trai. É um texto que conduz o leitor para uma interpretação e aos poucos vai rompendo com suas próprias pistas, e confunde, fazendo pensar. Um texto que certamente ao ser trabalhado em uma

sala de aula irá suscitar opiniões diversas e hipóteses únicas e individuais, ou seja, ele concretiza o ideal de Iser da dialética, ao mesmo tempo em que ele conduz o leitor ao final da história ao final ele questiona todo o caminho conduzido. O conto poderia ainda se dizer multi dialético, uma vez que apresenta diversos caminhos que podem ser percorridos pelos leitores dependendo das interpretações que os mesmos fazem em cada momento do texto, através dessa estrutura possibilita infinitas combinações que gerarão resultados individuais. O conto é ainda repleto de “espaços de jogo” como coloca Iser, quando o autor deixa espaços no texto que precisam ser preenchidos pela interpretação do leitor.

Pelos motivos justificados acima a escolha do conto se faz ilustrativa e demonstrativa na prática das teorias estudadas no primeiro capítulo, relacionadas ao ensino escolar de literatura.

O texto é uma narrativa, a princípio. O narrador já na segunda frase, interage com o leitor e o fará por todo texto, dando uma impressão de conversa, confissão, desabafo. Essa interação vai assumindo um caráter de monólogo reflexivo, o narrador conta uma história da qual fez parte e analisa não só a história, mas o modo como está contando.

André enlouqueceu ontem à tarde. Devo dizer que também acho um pouco arrogante de minha parte dizer isso assim - enlouqueceu -, como se estivesse perfeitamente seguro não só da minha sanidade mas também da capacidade de julgar a sanidade alheia. Como dizer então? Talvez: André começou a comportar-se de maneira estranha, por exemplo? ou: André estava um tanto desorganizado; ou ainda: André parecia muito necessitado de repouso. Seja como for, depois de algum tempo, e aos poucos, tão levemente que apenas ontem à tarde resolvi tomar essa providência, André - desculpem a minha audácia ou arrogância ou empáfia ou como queiram chamá-la, enfim: André enlouqueceu completamente. (Abreu, 2000, p. 34)

Vale ressaltar que o jogo principal deste conto é o modo de narrar, quem narra. Para tornar esse narrador mais próximo do leitor o autor usa o recurso metalingüístico, analisa o próprio texto. O primeiro parágrafo é uma explicação da seleção de palavras “enlouqueceu” e “optei pelo hospício” como se viu na citação acima.

É interessante chamar atenção dos alunos para este artifício da linguagem, para que os mesmos atentem ao uso das palavras, procurem perceber os jogos de palavras. O narrador fala diretamente com o leitor “desculpe a minha audácia...” dá vida aquele que está com seu texto em mãos, o aluno pode perceber essa aproximação como uma pista do autor de que será ativo nesta história, de que ele é importante neste texto para que o mesmo faça sentido. E isto é justamente o que propõe Iser: analisar o efeito da leitura no leitor e no texto, compreender a função do leitor como ator do texto. “Assim novos traços de jogo emergem – ele (autor) assegura certos papéis ao leitor e, para fazê-lo, deve ter claramente a presença potencial do receptor como uma de suas partes componentes.”(Iser, 2002, p. 116)

Ao analisar um texto pelo seu todo não só se atendo ao enredo, o professor convida os alunos a fazerem o exercício de ver o texto como uma construção, identificando as regras do jogo que o autor coloca, começando a participar do jogo do texto, por conhecer seu esquema, sendo capaz de levantar possibilidades críticas ao final.

A segunda parte do conto é uma narrativa descritiva comentada. Começa a construção do caminho pelo qual o leitor deve ir, caracterização do hospício, da internação, e da loucura de André. O narrador nos apresenta à André o chamando de louco, e vai ao longo de todo texto pontuando as atitudes que justificam esse adjetivo. Uma delas é o olhar, que atravessa as pessoas como se soubesse segredos da vida delas.

Ele ficou ali na minha frente, me olhando. Não me olhando propriamente, havia muito tempo que não olhava mais para nada, seus olhos pareciam voltados para dentro, ou então era como se

transpassassem as pessoas ou objetos para ver, lá no fundo deles, uma coisa que nem eles próprios sabiam de si mesmos. Eu me sentia mal com esse olhar, porque era um olhar muito... muito sábio, para ser franco. Completamente insano, mas extremamente sábio. E não é nada agradável ter em cima de você, o tempo todo, na sua própria casa, um olhar desses, assim trans-in-lúcido. (Abreu, 2000, p. 35)

As descrições são detalhadas e carregadas de sentimentos, logo é quase como se o leitor visse André. As sensações são todas trazidas para a superfície do texto, isso não é por acaso, a loucura de André também é um aflorar de sensações, um olhar tão forte que penetra, Um pensamento tão livre que não cabe dentro da cabeça e transborda em forma de borboleta. São metáforas, imagens lúdicas que caracterizam a loucura no texto.

Nesse momento do texto vale ressaltar a fala de André ao ser internado na clínica "só se pode encher um vaso até a borda, e nada mais". Essa informação não diz muito ao leitor nesse momento, mas ele já percebe que pode ser importante futuramente, a estrutura do texto, as análises, pausas, são recados para o leitor estar atento, esta não é uma narrativa linear e previsível, esse é um exemplo do autor do texto, colocando as regras do jogo, ele prepara o leitor, dá pistas, solta frases impactantes dando um recado.

O maior sintoma da loucura de André são as borboletas. Estas que ele retira do meio dos cabelos, que transbordam de sua cabeça, vazam.

Primeiro remexia neles, afastava as mechas, depois localizava a borboleta, exatamente como um piolho. Num gesto delicado; apanhava-a pelas asas, entre o polegar e o indicador, e jogava-a pela janela. Essa era das azuis . costumava dizer, ou essa era das amarelas ou qualquer outra cor. Em seguida saía para o telhado e ficava repetindo uma porção de coisas que eu não entendia. De vez em quando aparecia uma borboleta negra. Então tinha violentas

crises, assustava-se, chorava, quebrava coisas, acusava-me. Foi na última borboleta negra que resolvi levá-lo para o lugar verde, e mais tarde, para o hospício mesmo. (*Idem, Ibidem*, p. 38)

Essa não é a primeira metáfora que o autor usa, e está claro que não é por acaso que o animal que sai da cabeça de André é a borboleta. Se não surgir naturalmente na aula, é necessário que o professor faça os alunos pensarem o porque dessa escolha, quais são as características da borboleta, qual sua relação com a história, o que ela representa enquanto símbolo de metamorfose, e como Caio Fernando Abreu coloca a loucura, neste conto, como uma metamorfose humana, um olhar apurado do outro, faz da borboleta pensamento.

O primeiro grande choque que o leitor leva é quando o narrador começa a confundir o olhar de André com o seu: “Eu tinha a impressão de que o meu próprio olhar tinha se tornado como o dele” (*Idem, Ibidem*, p.37). (sempre que repetir as citações use “*Idem, Ibidem*, p.”, em itálico e acrescente, evidentemente, o número da página) Daí em diante o narrador começa a repetir o comportamento de André: “Quando percebi, estava olhando para as pessoas como se soubesse alguma coisa delas que nem elas mesmas sabiam. Ou então como se as transpassasse.” (*Idem, Ibidem*, p. 37) até a retirar as borboletas dos cabelos, e descreve em detalhes a loucura, agora sua e de André, vale atentar para o fato de que ele não diz que está ficando louco, ou que está se confundindo com André, apenas descreve da mesma maneira as mudanças que ocorrem consigo e as que ocorreram com André, o leitor faz, naturalmente, a assimilação dos fatos.

O fechamento do conto o deixa ainda mais aberto a interpretações, o narrador descreve a sua internação da mesma forma que a de André, só que desta vez, é na perspectiva do louco. Enquanto no início do conto ele conta como internou André, no final ele é o internado, como se fosse o André. Comparando passagens da internação de André como se vê em:

Portanto, coloquei-o num táxi, depois desembarcamos, atravessamos o pátio e, na portaria, o médico de plantão nem sequer fez muitas perguntas [...] Pensei que o médico ia colocar a

mão no meu ombro para depois dizer coragem, meu velho, como tenho visto no cinema. Mas ele não fez nada disso. Baixou a cabeça sobre o monte de papéis como se eu não estivesse mais ali, dei meia volta sem dizer nada do que eu queria dizer, que cuidassem bem dele, não o deixassem subir no telhado, recortar figurinhas de papel o dia inteiro, ou retirar borboletas do meio dos cabelos como costumava fazer. Atravessei devagar o pátio cheio de loucos tristes, hesitei no portão de ferro, depois resolvi voltar a pé para casa. (*Idem, Ibidem, p.35*)

Com passagens da internação do próprio narrador situadas mais a frente do texto:

Chamaram um táxi e trouxeram-me para cá.[...] Quando foram embora, depois de preencherem uma porção de papéis, olhei para um deles daquele mesmo jeito que André me olhara. E disse-lhe: - Só se pode encher um vaso até a borda. Nem uma gota a mais. Ele pareceu entender. Vi como se perturbava e tentava dizer, sem conseguir, alguma coisa para o médico de plantão, observei que baixava os olhos sobre o monte de papéis e a maneira indecisa com que atravessava o pátio, para depois deter-se ao portão de ferro, olhando para os lados, depois se foi, a pé. (*Idem, Ibidem, p. 40-41*)

Percebemos que algumas palavras-chave são mantidas de modo a estabelecer a relação de um acontecimento com o outro, mas a perspectiva é diferente, enquanto no primeiro caso é o narrador que descreve a internação do louco, no segundo o louco é o narrador, descrevendo sua internação. Por exemplo, é possível identificar que a internação do narrador se confunde com a de André pela caracterização do ritual, ele aponta os mesmos fatos, como os papéis do cadastro, o gesto do médico em abaixar a cabeça, a saída hesitante, a pausa no portão e o ir embora a pé. Os detalhes do início do texto que se repetem e mostram ao leitor que

é o mesmo momento. Essas são as regras do jogo que o autor coloca, cabe ao leitor identificá-las, e em seguida, interpretar com suas impressões. A grande vantagem deste conto é a transparência dos artifícios que constroem as mudanças de foco. Isto é, o professor pode assinalar com os alunos as palavras que caracterizam as mudanças do texto. Deixando claro todo o processo de construção do jogo, sem que isso iniba o próprio ato de jogar. O mais interessante é que mesmo ciente do jogo, das movimentações do autor, de como o texto se constrói para o confundir, é inevitável ao leitor se confundir, ser iludido pelo jogo.

E aqui está a unicidade do jogo – ele produz e, ao mesmo tempo, possibilita que o processo de produção seja observado. O leitor é, então, apanhado em uma duplicidade inexorável: está envolto em uma ilusão e, simultaneamente, está consciente de que é uma ilusão. É por essa oscilação incessante entre a ilusão fechada e a ilusão seccionada que a transformação efetiva pelo jogo do texto se faz a si mesmo sentir pelo leitor. (Iser, 2002, p. 116)

Por esse motivo, conhecer o jogo do texto não esgota o movimento de jogo, não se trata de um mistério ou segredo, o jogo do texto é inevitável, percebê-lo enquanto mecanismo de construção literária só causará ainda mais fascínio pelo jogo e pela leitura.

Podemos então rever a análise do conto pensando nos três níveis do texto que Iser propõe. O primeiro, estrutural, trata do espaço do texto, sua estrutura em prosa, sua caracterização enquanto conto, pela brevidade, rapidez das ações, que criam uma espécie de paradoxo, por ser ao mesmo tempo curto e cheio de reflexões, permitindo uma organização mais elaborada. Isto se deve ao fator ficcional, que permite a montagem de um texto breve com início, meio, fim e uma articulação literária diferente, mas sem perder o caráter descritivo e objetivo. O segundo nível, funcional, neste texto se justifica, exalta seu objetivo, no caso, o tema da loucura, o questionamento da loucura como um olhar diferente do mundo. A função do texto de Caio Fernando Abreu é primeiramente fazer pensar, seu texto necessita de reflexão

e é um bom exemplo para as teorias por depender exclusivamente do leitor, das leituras que ele fará em cada cena que narrada, ele é fomentado pelo pensamento do leitor, e quanto mais este refletir na estrutura do texto, buscando seus detalhes, mais complexo o texto se mostra e mais significados ele assume. Essencialmente o que justifica esse conto é o pensar a loucura e o próprio jogo do texto. O último nível é o interpretativo, quando o leitor domina as regras do jogo, e se pergunta o porque de jogar. Esse é o momento no qual o leitor constrói o seu “suplemento”.

A geração do “suplemento” através do jogo admite diferentes desempenhos por diferentes leitores no ato de recepção – e isso mesmo na medida que pode ser jogado ou para que se alcance a vitória (o estabelecimento do significado) ou para que se mantenha o jogo livre (a conservação em aberto do significado). (*Idem, Ibidem*, p. 109, [grifos do autor])

Portanto no nível interpretativo, ao contrário do que muitas vezes se pensa, não é obrigatório chegar a um significado, ou seja, é possível estabelecer um “suplemento” que aceite significados possíveis ao fim do texto. Esse é um conceito interessante para trabalhar na escola. Mais uma vez rompendo com a análise de enredo, e valorizando uma análise estética. Um texto cujo foco seja seu enredo, através da sucessão de fatos, provavelmente usará um fato final para desfecho da história. Seguindo os moldes tradicionais de narrativa, com apresentação, desenvolvimento, ápice e desfecho; em um texto poético muitas vezes esse molde não se aplica, inclusive por não existir um final único, mas sim uma espécie de desfecho aberto, que, possibilita, a cada leitor interpretar o seu próprio final. No conto, por exemplo, ao final é possível que um aluno entenda que o narrador se encontrou com André na clínica e que os dois dividiam a mesma loucura e assim ficaram, e veja a borboleta vermelha, sangrenta, como um simbolismo do fim trágico dos dois. Ao mesmo tempo, também é possível, que outro aluno pense diferente, que na realidade o narrador é André, e que essa narrativa faz parte da sua loucura, e ao final era sempre ele, só, que acaba no hospício com a borboleta vermelha

simbolizando a dor de sua loucura, a solidão de só estar acompanhado de seus devaneios. Essas duas construções são possíveis e coerentes ao texto, e provam que este conto é um exemplo da teoria de Iser e de como é possível ver a literatura com mais folgas, brechas, maior interação com o leitor.

Fazer os alunos perceberem a sua importância na construção do texto é mostrar-lhes o verdadeiro encanto da literatura. É necessário se afastar das regras estáticas de leitura, dos padrões fechados, tirar os textos da fôrma e ver que é possível dar a eles a forma que quisermos, basta aprender à ler, formar leitores. Armando Gens, por exemplo, dedica o artigo “Sobre o poema, o poeta, o livro” (2010) ao ensino de literatura pelo jogo: “A professora ou professor deve procurar manter o clima de curiosidade e mistério. O jogo da leitura depende deste procedimento que exacerba a curiosidade.” (Gens, 2010, p.14). Manter o aluno curioso, interessado, só é possível se ele dominar o processo e uma vez que o fizer poderá ler o mundo desta forma, além das palavras, identificando as regras e entrando no campo conscientemente.

CONCLUSÃO

Com este trabalho conclui-se que assim como a Estética da Recepção contribui muito ao ensino, como comprovamos com as teorias de Wolfgang Iser e o conto de Caio Fernando Abreu, esta não se coloca como receita de sucesso literário. Por um motivo bastante evidente, não há receita para literatura. A tentativa dessas teorias é de ampliar possibilidades de leitura, procurando entender uma das formas que o texto pode se relacionar com o leitor, neste caso, enquanto um jogo.

Uma constatação interessante do trabalho foi verificar a construção dual do sentido do texto. Isto é, ir aos poucos constatando que realmente o texto é um tabuleiro no qual estão inseridas as regras do jogo, mas este só se dá efetivamente quando o leitor contribui com as suas visões em cada rodada, a cada tomada de decisão no texto, há um caminho induzido pelo escritor, há pistas que o próprio texto enquanto palavra fornece, mas só se concretiza um sentido único quando o leitor contribui com seus conhecimentos de mundo, suas leituras prévias e então se completa o tripé. Para além de possibilitar esta leitura da teoria de Iser, com este trabalho sua relação com o ensino ficou mais explícita e até, mais simplificada. É importante lembrar que nem mesmo este trabalho se coloca enquanto receita de aula de literatura, mas como possibilidade de abordagem literária.

REFERÊNCIAS

CARDOSO FILHO, Jorge Luiz Cunha. 40 anos da Estética da Recepção: pesquisas e desdobramentos nos meios de comunicação. *Revista diálogos possíveis*, Faculdade Social da Bahia. Julho/dezembro, 2007. Disponível em: <WWW.faculdadesocial.edu.br/dialogospossiveis/artigos/11/04.pdf>. Acesso em: 20 de Nov.

LIMA, Luiz Costa (Trad. e Coord.). *A Literatura e o Leitor*. 2. Ed. rev. e ampl. São Paulo: Paz e Terra, 2002

HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens*. 4. Ed. Editora Perspectiva S.A.: São Paulo. 2000. Disponível em: <<http://groups.google.com/group/digitalsource>>. Acesso em: 20 de Nov.

FREIRE, Paulo. *A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam*. 49. Ed. São Paulo: Cortez, 2008

MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. Coleção Primeiros Passos, nº74. São Paulo: Brasiliense, 2005.

MARTINS, G; SANTOS, L.W.; GENS, R. (Orgs.) *Literatura Infantil e juvenil na prática docente*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2010.

ABREU, Caio Fernando. Uma História de Borboletas. In: *Fragmentos: 8 Histórias e Um Conto Inédito*. L&PM, 2000. Disponível em: <<http://groups.google.com/group/digitalsource>>. Acesso em: 10 de Jul.

ANEXO

Anexo A – ABREU, Caio Fernando. *Uma História de Borboletas*. In: *Fragmentos*. L&PM, 2000

André enlouqueceu ontem à tarde. Devo dizer que também acho um pouco arrogante de minha parte dizer isso assim - enlouqueceu -, como se estivesse perfeitamente seguro não só da minha sanidade mas também da capacidade de julgar a sanidade alheia. Como dizer então? Talvez: André começou a comportar-se de maneira estranha, por exemplo? ou : André estava um tanto desorganizado; ou ainda: André parecia muito necessitado de repouso. Seja como for, depois de algum tempo, e aos poucos, tão levemente que apenas ontem à tarde resolvi tomar essa providência, André - desculpem a minha audácia ou arrogância ou empáfia ou como queiram chamá-la, enfim: André enlouqueceu completamente. Pensei em levá-lo para uma clínica, lembrava vagamente de ter visto no cinema ou na televisão um lugar cheio de verde e pessoas muito calmas, distantes e um pouco pálidas, com o olhar fora do mundo, lendo ou recortando figurinhas, cercadas por enfermeiras simpáticas, prestativas. Achei que André seria feliz lá. E devo dizer ainda que gostaria de vê-lo feliz, apesar de tudo o que me fez sofrer nos últimos tempos. Mas bastou uma olhada no talão de cheques para concluir que não seria possível. Então optei pelo hospício. Sei, parece um pouco duro dizer isso assim, desta maneira tão seca: então-optei-pelo-hospício. As palavras são muito traiçoeiras. Para dizer a verdade, não optei propriamente. Apenas: 1º) eu tinha pouquíssimo dinheiro e André menos ainda, isto é, nada, pois deixara de trabalhar desde que as borboletas nasceram em seus cabelos; 2º) uma clínica custa dinheiro e um hospício é de graça. Além disso, esses lugares como aquele que vi no cinema ou na televisão ficam muito retirados - na Suíça, acho -, e eu não poderia visitá-lo com tanta frequência como gostaria. O hospício fica aqui perto. Então, depois desses esclarecimentos, repito: optei pelo hospício. André não opôs resistência nenhuma. Às vezes chego a pensar que ele sempre soube que, de uma forma ou outra, fatalmente acabaria assim. Portanto, coloquei-o num táxi, depois desembarcamos, atravessamos o pátio e, na portaria, o médico de plantão nem sequer fez muitas perguntas. Apenas nome, endereço, idade, se já tinha estado lá antes dessas coisas - ele não dizia nada e eu precisei ir respondendo, como se o louco fosse eu e não ele. Ah: nem por um minuto o médico duvidou da minha palavra. Pensei até que, se André não estivesse realmente louco e eu dissesse que sim, bastaria isso para que ele ficasse por lá durante muito tempo. Mas a cara dele não enganava ninguém, sem se mover, sem dizer nada, aqueles olhos parados, o cabelo todo em desordem. Quando dois enfermeiros iam levá-lo para dentro eu quis dizer alguma coisa, mas não consegui. Ele ficou ali na minha frente, me olhando. Não me olhando propriamente, havia muito tempo que não olhava mais para nada, seus olhos pareciam voltados para dentro, ou então era como se transpassassem as pessoas ou objetos para ver, lá no fundo deles, uma coisa que nem eles próprios sabiam de si mesmos. Eu me sentia mal com esse olhar, porque era um olhar muito... muito sábio, para ser franco. Completamente insano, mas extremamente sábio. E não é nada agradável ter em cima de você, o tempo todo, na sua própria casa, um olhar desses, assim trans-in-

lúcido. Mas de repente seus olhos pareceram piscar, mas não devem ter piscado - devo esclarecer que, para mim, piscar é uma espécie de vírgula que os olhos fazem quando querem mudar de assunto. Sem piscar, então, os olhos dele piscaram por um momento e voltaram daquele mundo para onde André havia se mudado sem deixar endereço. E me olharam os olhos dele. Não para uma coisa minha que nem eu mesmo via, através de mim, mas para mim mesmo fisicamente, quero dizer: para este par de órgãos gelatinosos situados entre a testa e o nariz, meus olhos, para ser mais objetivo. André olhou bem nos meus olhos, como havia muito não fazia, e fiquei surpreso e tive vontade de dizer ao médico de plantão que era tudo um engano, que André estava muito bem, pois se até me olhava nos olhos como se me visse, pois se recuperara aquela expressão atenta e quase amiga do André que eu conhecia e que morava comigo, como se me compreendesse e tivesse qualquer coisa assim como que uma vontade de que tudo desse certo para mim, sem nenhuma mágoa de que eu o tivesse levado para lá. Como se me perdoasse, porque a culpa não era minha, que estava lúcido, nem tampouco dele, que enlouquecera. Quis levá-lo de volta comigo para casa, despi-lo e lambê-lo como fazia antigamente, mas havia aquele monte de papéis assinados e cheios de x nos quadradinhos onde estava escrito solteiro, masculino, branco, coisas assim, os enfermeiros esperando ali do lado, já meio impacientes . tudo isso me passou pela cabeça enquanto o olhar de André pousava sobre mim e sua voz dizia: * - Só se pode encher um vaso até a borda. Nem uma gota a mais. Então vim embora. Os enfermeiros seguraram seus braços e o levaram para dentro. Havia alguns outros loucos espiando pela janela. Eram feios, sujos, alguns desdentados, as roupas listradinhas, encardidas, fedendo. Pensei que o médico ia colocar a mão no meu ombro para depois dizer coragem, meu velho, como tenho visto no cinema. Mas ele não fez nada disso. Baixou a cabeça sobre o monte de papéis como se eu não estivesse mais ali, dei meia volta sem dizer nada do que eu queria dizer, que cuidassem bem dele, não o deixassem subir no telhado, recortar figurinhas de papel o dia inteiro, ou retirar borboletas do meio dos cabelos como costumava fazer. Atravessei devagar o pátio cheio de loucos tristes, hesitei no portão de ferro, depois resolvi voltar a pé para casa. Era de tardezinha, estava horrível na rua, com todos aqueles automóveis, aquelas pessoas desvairadas, as calçadas cheias de merda e lixo, eu me sentia mal e muito culpado. Quis conversar com alguém, mas me afastara tanto de todos depois que André enlouquecera, e aquele olhar dele estava me rasgando por dentro, eu tinha a impressão de que o meu próprio olhar tinha se tornado como o dele, e de repente já não era mais uma impressão. Quando percebi, estava olhando para as pessoas como se soubesse alguma coisa delas que nem elas mesmas sabiam. Ou então como se as transpassasse. Eram bichos brancos e sujos. Quando as transpassava, via o que tinha sido antes delas, e o que tinha sido antes delas era uma coisa sem cor nem forma, eu podia deixar meus olhos descansarem lá porque eles não se preocupavam em dar nome ou cor ou jeito a nenhuma coisa, era um branco liso e calmo. Mas esse branco liso e calmo me assustava e, quando tentava voltar atrás, começava a ver nas pessoas o que elas não sabiam de si mesmas, e isso era ainda mais terrível. O que elas não sabiam de si era tão assustador que me sentia como se tivesse violado uma sepultura fechada havia vários séculos. A maldição caíra sobre mim: ninguém me perdoaria jamais se soubesse

que eu ousara.

(*) Tao Te-King: Lao TSE.

Mas alguma coisa em mim era mais forte que eu, e não conseguia evitar de ver e sentir atrás e além dos sujos bichos brancos, então soube que todos eles na rua e

na cidade e no país e no mundo inteiro sabiam que eu estava vendo exatamente daquela maneira, e de repente já não era mais possível fingir nem fugir nem pedir perdão ou tentar voltar ao olhar anterior . e tive certeza de que eles queriam vingança, e no momento em que tive certeza disso, comecei a caminhar mais depressa para escapar, e Deus, Deus estava do meu lado: na esquina havia um ponto de táxi, subi num, mandei tocar em frente, me joguei contra o banco, fechei os olhos, respirei fundo, enxuguei na camisa as palmas visquentas das mãos. Depois abri os olhos para observar o motorista (prudentemente, é claro). Ele me vigiava pelo espelho retrovisor. Quando percebeu que eu percebia, desviou os olhos e ligou o rádio. No rádio, uma voz disse assim: Senhoras e senhores, são seis horas da tarde. Apertem os cintos de segurança e preparem suas mentes para a decolagem. Partiremos em breve para uma longa viagem sem volta. Atenção, vamos começar a contagem regressiva: dez-nove-oito-sete-seis-cinco... Antes que dissesse quatro, soube que o motorista era um deles. Mandei-o parar, paguei e desci. Não sei como, mas estava justamente em frente à minha casa. Entrei, acendi a luz da sala, sentei no sofá. A casa quieta sem André. Mesmo com ele ali dentro, nos últimos tempos a casa era sempre quieta: permanecia em seu quarto, recortando figurinhas de papel ou encostado na parede, os olhos olhando daquele jeito, ou então em frente ao espelho, procurando as borboletas que nasciam entre seus cabelos. Primeiro remexia neles, afastava as mechas, depois localizava a borboleta, exatamente como um piolho. Num gesto delicado; apanhava-a pelas asas, entre o polegar e o indicador, e jogava-a pela janela. Essa era das azuis . costumava dizer, ou essa era das amarelas ou qualquer outra cor. Em seguida saía para o telhado e ficava repetindo uma porção de coisas que eu não entendia. De vez em quando aparecia uma borboleta negra. Então tinha violentas crises, assustava-se, chorava, quebrava coisas, acusava-me. Foi na última borboleta negra que resolvi levá-lo para o lugar verde, e mais tarde, para o hospício mesmo. Ele quebrou todos os móveis do quarto, depois tentou morder-me, dizendo que a culpa era minha, que era eu quem colocava as borboletas negras em seus cabelos, enquanto dormia. Não era verdade. Enquanto dormia, eu às vezes me aproximava para observá-lo. Gostava de vê-lo assim, esquecido, os pêlos claros do peito subindo e descendo sobre o coração. Era quase como o André que eu conhecera antes, aquele que mordida meu pescoço com fúria nas noites suadas de antigamente. Uma vez cheguei a passar os dedos nos seus cabelos. Ele despertou bruscamente e me olhou horrorizado, segurou meu pulso com força e disse que agora eu não poderia fingir que não era eu, que tinha me surpreendido no momento exato da traição. Era assim, havia muito tempo, eu estava fatigado e não compreendia mais. Mas agora a casa estava sem André. Fui até o banheiro atulhado de roupas sujas, a torneira pingando, a cozinha com a pia transbordando pratos e panelas de muitas semanas, a janela de cortinas empoeiradas e o cheiro adocicado do lixo pelos cantos, depois resolvi tomar coragem e ir até o quarto dele. André não estava lá, claro. Apenas as revistas espalhadas pelo chão, a tesoura, as figurinhas entre os cacos dos móveis quebrados. Apanhei a tesoura e comecei a recortar algumas figurinhas. Inventava histórias enquanto recortava, dava-lhes profissões, passados, presentes, futuros era mais difícil, mas dava-lhes também dores e alguns sonhos. Foi então que senti qualquer coisa como uma comichão entre os cabelos. Aproximei-me do espelho, procurei. Era uma borboleta. Das azuis, verifiquei com alegria. Segurei-a entre o polegar e o indicador e soltei-a pela janela. Esvoaçou por alguns segundos, numa hesitação perfeitamente natural, já que nunca antes em sua vida estivera sobre um telhado. Quando percebi isso, subi na janela e alcancei as telhas para aconselhá-la:

- É assim mesmo . eu disse. . O mundo fora de minha cabeça tem janelas, telhados, nuvens e aqueles bichos brancos lá embaixo. Sobre eles, não se detenha demasiado, pois correrá o risco de transpassá-los com o olhar ou ver neles o que eles próprios não vêem, e isso seria tão perigoso para ti quanto para mim violar sepulcros seculares, mas, sendo uma borboleta, não será muito difícil evitá-lo: bastará esvoaçar sobre as cabeças, nunca pousar nelas, pois pousando correrás o risco de ser novamente envolvida pelos cabelos e reabsorvida pelos cérebros pantanosos e, se isso for inevitável, por descuido ou aventura, não deverás te torturar demasiado, de nada adiantaria, procura acalmar-te e deslizar pra dentro dos tais cérebros o mais suavemente possível, para não seres triturada pelas arestas dos pensamentos, e tudo é natural, basta não teres medos excessivos. trata-se apenas de preservar o azul das tuas asas. Pareceu tranqüilizada com meus conselhos, tomou impulso e partiu em direção ao crepúsculo. Quando me preparava para dar volta e entrar novamente no quarto, percebi que os vizinhos me observavam. Não dei importância a isso, voltei às figurinhas. E novamente começou a acontecer a mesma coisa: algo como borbulhar, o espelho, a borboleta (essa era das roxas), depois a janela, o telhado, os conselhos. E os vizinhos e as figurinhas outra vez. Assim durante muito tempo. Já não era mais de tardezinha quando apareceu a primeira borboleta negra. No mesmo momento em que meu indicador e polegar tocaram suas asinhas viscosas, meu estômago contraiu-se violentamente, gritei e quebrei o objeto mais próximo. Não sei exatamente o que, sei apenas do ruído de cacos que fez, o que me deixa supor que se tratasse de um vaso de louça ou algo assim (creio que foi nesse momento que lembrei daquele som das noites de antes: as franjas do xale na parede caído sobre as cordas do violão de André quando rolávamos da cama para o chão). Pretendia quebrar mais coisas, gritar ainda mais alto, chorar também. Se conseguisse, porque tinha nojo e nunca mais . quando ouvi um rumor de passos no corredor e diversas pessoas invadiram o quarto. Acho que meu primeiro olhar para elas foi aquele que tive antigamente, cheguei a reconhecer alguns dos vizinhos que nos observavam sempre, o homem do bar da esquina, o jardineiro da casa em frente, o motorista do táxi, o síndico do edifício ao lado, a puta do chalé branco. Mas em seguida tudo se alargou e não consegui evitar de vê-las daqueles outros jeitos, embora não quisesse, e meu jeito de evitar isso era fechar os olhos, mas quando fechava os olhos ficava olhando pra dentro do meu próprio cérebro . e só encontrava nele uma infinidade de borboletas negras agitando nervosamente as asinhas pegajosas, atropelando-se para brotar logo entre os cabelos. Lutei por algum tempo. Tinha alguma esperança, embora fossem muitas mãos a segurar-me. Ao amanhecer do dia de hoje fui dominado. Chamaram um táxi e trouxeram-me para cá. Antes de entrar no táxi tentei sugerir, quem sabe aquele lugar de muito verde, pessoas amáveis e prestativas, todas distantes, um tanto pálidas, alguns lendo livros, outros cortando figurinhas. Mas eu sabia que eles não admitiriam: quem havia visto o que eu via não merecia perdão. Além disso, eu tinha desaprendido completamente a sua linguagem, a linguagem que também tive antes, e, embora com algum esforço conseguisse talvez recuperá-la, não valia a pena, era tão mentirosa, tão cheia de equívocos, cada palavra querendo dizer várias coisas em várias outras dimensões. Eu agora já não conseguia permanecer em apenas uma dimensão, como eles, cada palavra se alargava e invadia tantos e tantos reinos que, para não me perder, preferia ficar calado, atento apenas ao borbulhar das borboletas dentro do meu cérebro. Quando foram embora, depois de preencherem uma porção de papéis, olhei para um deles daquele mesmo jeito que André me olhara. E disse-lhe: - Só se pode encher um

vaso até a borda. Nem uma gota a mais. Ele pareceu entender. Vi como se perturbava e tentava dizer, sem conseguir, alguma coisa para o médico de plantão, observei que baixava os olhos sobre o monte de papéis e a maneira indecisa com que atravessava o pátio, para depois deter-se ao portão de ferro, olhando para os lados, depois se foi, a pé. Em seguida os homens trouxeram-me e enfiaram uma agulha no meu braço. Tentei reagir, mas eram muito fortes. Um deles ficou de joelhos no meu peito enquanto o outro enfiava a agulha na veia. Afundei num fundo poço acolchoado de branco. Quando acordei, André me olhava dum jeito totalmente novo. Quase como o jeito antigo, mas muito mais intenso e calmo. Como se agora partilhássemos o mesmo reino. André sorriu. Depois estendeu a mão direita em direção aos meus cabelos, uniu o polegar ao indicador e, gentilmente, apanhou uma borboleta. Era das verdes. Depois baixou a cabeça, eu estendi os dedos para seus cabelos e apanhei outra borboleta. Era das amarelas. Como não havia telhados próximos, esvoaçavam pelo pátio enquanto falávamos juntos aquelas mesmas coisas, eu para as borboletas dele, ele para as minhas. Ficamos assim por muito tempo até que, sem querer, apanhei uma das negras e começamos a brigar. Mordi-o muitas vezes, tirando sangue da carne, enquanto ele cravava as unhas no meu rosto. Então vieram os homens, quatro desta vez. Dois deles puseram os joelhos sobre nossos peitos, enquanto os outros dois enfiavam agulhas em nossas veias. Antes de cairmos outra vez no poço acolchoado de branco, ainda conseguimos sorrir um para o outro, estender os dedos para nossos cabelos e, com os indicadores e polegares unidos, ao mesmo tempo, com muito cuidado, apanhar cada um uma borboleta. Essa era tão vermelha que parecia sangrar.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
Centro de Ciências Humanas e Sociais- CCH
Escola de Educação – EE

MONOGRAFIA II

ALUNO(A)/matricula: *Mariana Peixoto da Silva Saldanha*
TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO: "*O jogo do texto e o ensino de literatura ou o jogo de ensinar literatura*"
ORIENTADOR(A): *Alberto Ruyter Bruno*

FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL

PRIMEIRO AVALIADOR

Professor convidado: Tiago Batista dos Santos

Nota : 9,0

Considerações:

O trabalho apresentado como requisito para conclusão do curso de Pedagogia, Licenciatura Plena, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro Da aluna Mariana Peixoto da Silva Saldanha. A aluna se propõe discutir a relação entre a leitura, a literatura e a construção dos sentidos através da Estática da Recepção, escola de teoria literária que trabalha a compreensão do texto, do ponto de vista do leitor e sua relação com a obra. Utilizando como base o conto Uma história das borboletas, de Caio Fernando de Abreu a aluna exemplifica, possíveis caminhos serem explorados, a fim de que os leitores possam refletir, interagir com a obra e construir diferentes significados, estabelecendo assim um espaço do jogo, onde a trajetória de compreensão deve ser revista e as estratégias de percepção reorganizadas, gerando um desafio aos alunos e um interesse maior no texto literário. Valendo de elementos teóricos consistentes a aluna estabelece uma boa base à construção da análise e reflexão acerca do conto. A organização do texto atende os requisitos propostos e embora apresentem alguns desvios em relação à norma padrão da Língua Portuguesa, essas não desabonam o caráter semântico do texto. Cabe ressaltar apenas algumas escolhas de artigos determinantes, que podem trazer confusão ao leitor, como na questão envolvendo a *leitura*, apresentando uma única dimensão, em detrimento de *uma leitura*, como a aluna vem defendendo ao longo do texto, de acordo com sua base teórica. A aluna, dessa forma cumpre seu projeto de monografia, sendo aprovado, segundo este parecer com nota 9,0 (nove). Sendo considerada apta nesta etapa de sua formação.

Tiago Batista dos Santos
Professor Parecerista – Departamento de Didática.

SEGUNDO AVALIADOR

Professor orientador: Alberto Roiphe Bruno

Nota: 9,0

Considerações:

O aluno fez uma boa análise de um dos textos de "Teoria Estética da Recepção" e uma breve análise de um conto, levando a possibilidade de dar continuidade a essas atividades em sua pesquisa.

Data: 20/12/11 Assinatura: [assinatura]

RESULTADO FINAL

Avaliador 1	Avaliador 2	Média final
9,0	9,0	9,0

Rio de Janeiro, 20 de dezembro de 2011.

[assinatura]
Prof. Orientador